

Fim da desoneração da folha irá afetar empresas do setor têxtil

O fim do benefício anunciado pelo governo federal prejudica diretamente mais de mil empresas do setor têxtil, no ramo de vestuário, em Americana, Nova Odessa, San-

ta Bárbara e Sumaré. A avaliação foi feita pelo Sinditec (Sindicato das Indústrias de Tecelagem, Fiação, Linhas, Tinturaria, Estamparia e Beneficiamento de Fios). **P. 06**

MAIS DESPESAS

Fim da desoneração irá afetar empresas têxteis

Presidente do Sindivestuário, Ronald Moris Masijah, prevê o fechamento de muitas indústrias, bem como demissões e aumento no custo de produtos, além da ampliação de artigos importados, o que seria prejudicial para toda a cadeia

Marina Zanaki

marina@liberal.com.br

REGIÃO

O fim da desoneração da folha de pagamento vai afetar mais de mil empresas do setor têxtil, no ramo de vestuário, em Americana, Nova Odessa, Santa Bárbara d'Oeste e Sumaré, segundo o Sinditec (Sindicato das Indústrias de Tecelagem, Fiação, Linhas, Tinturaria, Estamparia e Beneficiamento de Fios). O fim do benefício para cerca de 50 setores foi anunciado pelo governo federal nesta quarta-feira dentro de um pacote de medidas para tentar cumprir a meta fiscal – o objetivo é fechar o ano com um déficit de R\$ 139 bilhões.

Com a desoneração, ao invés das empresas recolherem a contribuição patronal ao INSS sobre a folha de pagamento, com uma alíquota de 20%, elas calculavam o tributo sobre o faturamento – o percentual neste caso variava de 1% a 4,5%. Isso ajudava, por exemplo, em setores com oscilações de vendas, já que as empresas pagavam apenas sobre o que faturavam e não sobre a folha de funcionários. Em 2011, o governo federal anunciou a desoneração de apenas quatro indústrias – confecções, calçados, móveis e software, que têm um custo elevado com folha de pagamento. Contudo, o benefício foi ampliado para mais de 50 setores.

A volta da oneração da folha foi criticada por entidades patronais ouvidas pela reportagem do Grupo



CONFECÇÃO. Setor será um dos mais prejudicados com as medidas do governo federal

Liberal. O presidente do Sindivestuário, Ronald Moris Masijah, prevê o fechamento de empresas, demissões e aumento no custo de produtos, além da ampliação de mercadorias importadas.

“As empresas de confecção estão totalmente sem capital de giro. Se eu não consigo vender uma peça a R\$ 10, o consumidor vai comprar se eu subir para R\$ 11? O setor passa a ficar totalmente fora da competição com produtos importados. A expectativa com essa medida é fechamento mais rápido de empresas que já estavam em dificuldade”, disse Masijah.

Já o presidente do Sinditec, Dilézio Ciamarro, explicou que tecelagens, fiações e tinturarias

já haviam perdido o benefício, mas que a nova medida deve afetar o setor têxtil como um todo. “Nós já perdemos competitividade na indústria têxtil com o fim da desoneração e agora vamos sofrer novamente. O setor de confecção é um elo muito importante”.

Para o presidente do Sinditêxtil, Luiz Arthur Pacheco, este anúncio por parte do governo federal não foi surpresa. Ele disse que a entidade deve se articular junto ao Congresso para evitar que a medida seja aprovada. “É uma falta de sensibilidade do governo de querer buscar o acerto de suas contas voltando a onerar o setor produtivo, uma das locomotivas da retomada da economia”, criticou.

PLANEJA. O economista Francisco Luiz Cazeiro Lopreato, do Instituto de Economia da **Unicamp** (**Universidade Estadual de Campinas**), criticou o fim da medida em meio à crise econômica que o País atravessa. “Quando a desoneração foi ampliada para mais de 50 setores não concordei com a medida e achei equivocada. Mas agora retirá-la em plena recessão, quando as empresas estão com dificuldades, sem fazer um programa e um aviso prévio, é complicado. A situação fiscal aperta e o governo federal lança mão do que tem à disposição porque não existe planejamento”, avaliou.